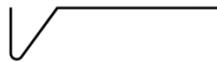


Universidade e Política na República de Weimar, o caso Norbert Elias*



Christophe Charle**

Resumo

Este artigo apresenta o contexto político das três principais universidades onde Elias estudou ou trabalhou no período entreguerras. Cada uma delas apresenta um perfil intelectual e político específico. Mais nacionalista e antissemita em Breslau; mais liberal, mas cada vez mais fortemente engajada à direita em Heidelberg; mais esquerdista e aberta ao marxismo em Frankfurt. A comparação entre fontes objetivas e documentos autobiográficos permite explicar por que Elias estava mais ou menos engajado nos debates nessas universidades. Mostra também como ele censurou posteriormente algumas de suas orientações políticas e reconstruiu um constante retrato apolítico de si mesmo nas entrevistas autobiográficas com o objetivo de desfocar suas próprias hesitações, devido à subestimação dos perigos do antissemitismo radical no início dos anos trinta. A comparação com as orientações de alguns dos seus colegas ou discípulos revela por que ele operou essa memória seletiva do passado

Palavras-chave: Norbert Elias; Breslau; Heidelberg; Universidade; Weimar.

* Tradução de Marcia Consolim <mconsolim@unifesp.br>. Este artigo foi objeto da conferência de Christophe Charle no Grupo de Estudos e Pesquisas *Science in Circulation* (SciCi), vinculado ao Instituto de Estudos Avançados e Convergentes da Universidade Federal de São Paulo (IEAC-Unifesp), em fevereiro de 2022. A gravação da conferência encontra-se disponível no canal do SciCi no YouTube <<https://www.youtube.com/watch?v=plryhMo18zs>>. Acesso em 06 jun. 2022.

** Universidade Paris 1 Panthéon Sorbonne, IHMC, CNRS, ENS, Paris 1

Abstract

This paper presents the political context of the three main universities where Elias studied or worked in the interwar period. Each one presents a specific intellectual and political profile. More nationalist and anti-Semitic in Breslau, more liberal but more and more radically engaged on the right for Heidelberg, more leftist and open to Marxism in Frankfurt. The confrontation between objective sources and autobiographical documents allow to explain why Elias was more or less engaged himself in the debates of these universities. It shows too how he censured later some of his political orientations et reconstructed a constant apolitical portrait of himself in his autobiographical interviews aiming to blur his own hesitations, due to the underestimation of the dangers of radical antisemitism at the beginning of the thirties. The comparison with the orientations of some of his colleagues or disciples reveals why he practiced this selective memory of the past.

Keywords: Norbert Elias; Breslau; Heidelberg; University; Weimar.

Résumé

Cet article présente le contexte politique qui caractérise les trois principales universités où Norbert Elias s'est formé ou a commencé sa carrière d'assistant des années 1920 à 1933. Chacune présente un profil politique et intellectuel bien spécifique, plus nationaliste et antisémite à Breslau, plus libéral mais glissant de plus en plus à droite voire à l'extrême droite à Heidelberg, plus à gauche et ouverte au marxisme à Francfort. La confrontation entre les sources objectives et les témoignages tardifs d'Elias permet de déterminer qu'Elias était en fait plus ou moins engagé dans les combats de l'époque (à travers l'adhésion à une forme de sionisme), contrairement à l'image neutre et censurée qu'il a reconstruite plus tard pour se donner une image de sociologue apolitique. Il a cherché aussi à effacer sa sous-estimation des dangers de la radicalisation antisémite de l'Allemagne au début des années 1930. La comparaison avec les attitudes de ses principaux collègues ou disciples rend compte aussi des raisons de sa mémoire sélective de ce passé douloureux.

Mots-clés: Norbert Elias; Breslau; Heidelberg; Université; Weimar.

Para introduzir este artigo, começarei por citar uma carta de Norbert Elias encontrada nos arquivos de Célestin Bouglé pertencente ao fundo da École Normale Supérieure – fundo roubado pela Gestapo em 1940 e, em seguida, transferido aos arquivos soviéticos em 1945 – recentemente recuperado pelos Arquivos Nacionais. Essa extraordinária transferência de papéis dos anos 1930 para o outro lado da Europa traz-nos de volta a um então obscuro assistente judeu-alemão, o jovem Elias, exilado em Paris após a tomada do poder por Hitler. Essa carta já diz muito sobre o tumulto político em que o futuro autor da *Sociedade de Corte* esteve imerso durante mais da metade de sua existência.

Cito a versão datilografada da carta ao mesmo tempo que corrijo os erros cometidos pelo datilógrafo:

“Dr. Norbert ELIAS.

Nasci em 22 de junho de 1897 em Breslau. Estudei em um liceu da cidade (Ginásio Johannes). Obtive o *baccalauréat* em 1915. Continuei os meus estudos na Universidade de Breslau (Faculdade de Filosofia), mas após algumas semanas tive que me alistar no exército como telegrafista e em seguida como enfermeiro.

Em 1917, reformado após um violento colapso nervoso, pude retomar meus estudos. Trabalhei sob a direção do professor Husserl e de seu assistente Heidegger, de Friburgo, e sob a direção dos professores Rickert, Jaspers e A. Weber, de Heidelberg. Em 1923, escrevi minha tese de doutorado sob a direção do professor Hönigswald, em Breslau, sobre o tema “*Idee (sic) und Individuum*”. Devido às dificuldades materiais durante o período da inflação, o trabalho não foi publicado. Continuei minha carreira acadêmica em Heidelberg, onde preparava, sob a direção do professor Alfred Weber, um trabalho sociológico sobre a formação da ciência moderna no período da Renascença. Para esse trabalho fazia pesquisas em Florença e noutros locais. Mas como a “*Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft*” já não podia me fornecer os meios necessários para continuar o meu trabalho, ele permaneceu inacabado e inédito.

Em 1928, participei do Congresso de Sociologia em Zurique, cujos anais relatam a minha contribuição. Em 1930, tornei-me assistente do professor Mannheim em *Frankfurt sur le Main*, com quem tinha trabalhado durante muito tempo em Heidelberg.

Como assistente em sociologia na Universidade de Frankfurt, supervisionei a preparação de numerosas teses de doutorado e seminários sociológicos.

Em relação ao meu trabalho pessoal, terminei durante esse período uma obra sobre a sociedade francesa no século XVII, uma análise sociológica que trata em particular do poder real, da corte e da nobreza; o trabalho foi aprovado pela faculdade como "*Habilitationsschrift*", e a minha nomeação como "*privadoct*" já havia sido aprovada pelo representante do ministério quando os recentes acontecimentos políticos inviabilizaram minha carreira universitária na Alemanha, bem como a publicação de minha obra. Um capítulo desse trabalho será o tema da minha conferência no Congresso Internacional de Sociologia, em Genebra, que ocorrerá em outubro. Atualmente, realizei um trabalho sociológico sobre a recente emigração para a França, suas causas, sua composição social e sua situação atual.

Dr. Norbert Elias.”¹

Essas diversas informações foram enviadas a Célestin Bouglé, membro do Comité de Universitários fundado em maio de 1933, com o objetivo de auxiliar os acadêmicos alemães perseguidos. Presidida por André Honnorat, antigo ministro e presidente da Cidade Universitária, essa comissão incluía Sylvain Lévi, professor do Collège de France, Joseph Bédier, André Mayer, Paul Langevin, Paul Rivet, Paul Boyer, Jean Perrin, Célestin Bouglé etc.² Elias depositou suas esperanças no apoio do único sociólogo desse Comitê, Bouglé, diretor adjunto da École Normale Supérieure, universitário de esquerda que tinha ligações com alguns sociólogos de Frankfurt³. Elias encontrava-se então sem recursos em Paris, período em que muitos universitários de esquerda, ou judeus alemães foram excluídos da universidade nazificada. A concorrência era feroz e era preciso convencer um comitê que tendia a favorecer os mais conhecidos ou titulados. Como veremos, ao ter que advogar em causa própria, Elias distorce certos episódios biográficos (considerando-se o que se pode reconstituir com base em outras fontes sobre sua vida). Através de uma simples leitura, observa-se que Elias parece colocar entre parênteses intencionalmente quase

¹ *Fonds Bouglé*, arquivos da École Normale Supérieure (1925-1940), AN 20010219/1, arquivo 2. Gostaria de agradecer a Yann Potin dos Archives Nationales por facilitar minha consulta a esses dossiês. (Nota do Autor). Esses arquivos foram restituídos à França pela Rússia entre 1994 e 2003 e estão catalogados nos Archives Nationales (Pierrefitte-sur-Seine) sob a rubrica "*Fonds de Moscou*". (Nota da Tradutora).

² Jean-Philippe MATHIEU. "*Sur l'émigration des universitaires*". In: Gilbert BADIA (ed.). *Les bannis de Hitler*. Vincennes, 1984, p. 149.

³ Sobre os engajamentos políticos de Célestin Bouglé, ver Thomas VONDERSCHER. "*Penser, agir, échouer. Itinéraire politique de Célestin Bouglé (1900-1914)*". *Cahiers Jaurès*, 2018, n°227-28, pp. 37-65 e Victor BASCH, "*Bouglé citoyen*". In: *Célestin Bouglé (1870-1940)*. Paris: 1940, pp.47-49.

todo o contexto político que explica os altos e baixos do seu destino universitário – ainda que se dirija a universitários que estavam claramente engajados politicamente. As biografias disponíveis (ou seus fragmentos de autobiografia) também atenuaram largamente esse aspecto comparativamente ao que se conhece a partir de outras obras não exclusivamente centradas em Elias.

O objetivo deste artigo será não apenas repolitizar a figura de Elias em relação ao discurso "apolítico" ou mesmo "antipolítico" que ele próprio manteve voluntariamente no final da sua vida sobre o “distanciamento” como ascese necessária para se alcançar a devida perspectiva sociológica, mas acima de tudo destacar os contextos políticos das universidades em que ele esteve imerso e que o afetaram em algumas de suas escolhas muito mais do que ele estava disposto a reconhecer *a posteriori*.

Pretendo articular minha análise em função das três principais cidades universitárias em que Elias viveu ou trabalhou na Alemanha: Breslau, Heidelberg e Frankfurt. Menciono também Paris, a última parada aqui incluída e que representou uma expectativa frustrada antes do grande salto para o novo mundo anglófono.

1. Breslau, a universidade fronteiriça

Em suas memórias autobiográficas, Elias evoca, sobretudo o universo familiar e o meio judeu de Breslau, cujo desejo de integração na sociedade alemã dominante ele sublinha através, por exemplo, da figura do seu pai, que exhibe orgulhosamente, traço simbólico, bigodes apontados para cima ao estilo de Guilherme II.⁴ O único episódio político a que se refere antes de 1914 é o incidente entre o Imperador e certos notáveis que tiveram o mau gosto de programar uma peça de teatro de Hauptmann, Prêmio Nobel em 1912, originário da Silésia, mas pouco apreciado pelo Imperador desde o caso da peça *Les Tisserands*. Por ocasião de uma grande exposição realizada em Breslau, na Primavera de 1913⁵, Elias foi encarregado de escrever o "Festival de Rimas Alemãs", uma vez que era o escritor mais ilustre da região. O evento foi financiado e encenado por duas personalidades judaicas que rivalizavam para assim

⁴ ELIAS, Norbert. *Norbert Elias par lui-même*. Paris: Fayard, 1991, p. 19. Edição brasileira: ELIAS, N. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁵ MÜHLE, Eduard. *Breslau, Geschichte einer europäischen Metropole*. Colônia: 2015, pp. 200-203.

se integrar às celebrações da cidade – Arthur Barasch, proprietário de uma grande loja, e o célebre Max Reinhardt, um judeu de origem vienense e diretor de um dos grandes teatros de Berlim. Contudo, a mensagem pacifista da peça desagradou e o número de encenações foi reduzido por interferência da Corte Imperial. Guilherme II fica aborrecido com o episódio. Elias observa nas suas memórias que essa intervenção chocou a sociedade liberal e, em particular, a geração mais jovem: "Provocou um grande escândalo, mas nós achávamos tudo isso ridículo. Portanto, o clima era bem de oposição."⁶

No entanto, essa atitude de oposição ao autoritarismo e ao militarismo prussiano que Elias atribui a si próprio retrospectivamente no final da vida está em contradição com certos fatos que ocorreram dois anos mais tarde quando a guerra teve início.⁷ Vimos acima que no seu *curriculum vitae* enviado a Célestin Bouglé, Elias escrevia sem rodeios: “Após algumas semanas, tive de partir para me alistar no exército como telegrafista e, em seguida, como enfermeiro”.⁸

Trata-se na realidade de uma apresentação falaciosa para não chocar um universitário francês veterano que também servira como enfermeiro. De fato, Elias foi voluntário em 1915 quando tinha apenas 18 anos e poderia esperar um pouco mais para servir no Exército. Não se trata de acusá-lo de simplesmente distorcer os fatos, mas de mostrar que ele, como todos os seus camaradas, estava tomado pelo clima de unanimidade patriótica que prevaleceu durante os dois primeiros anos da guerra na Alemanha e em toda a Europa. Se ele não tivesse feito como os outros, certamente os antissemitas o teriam acusado de covardia ou de ser um mau alemão como o eram todos os judeus aos seus olhos. De fato, deve-se recordar que Breslau pertencia a uma província fronteiriça não muito longe da zona de combate contra a Rússia, considerada “bárbara”, ou das províncias polacas, consideradas "atrasadas". De acordo com Elias: “Na Silésia, de todo modo, crescia-se com o preconceito tácito de que os '*Polaks*' [Polacos] eram seres inferiores”.⁹

⁶ ELIAS, N. *op. cit.*, 1991, p. 27.

⁷ Em particular, *ibid*, 1991: “Nunca fui um patriota”.

⁸ Conferir nota 1.

⁹ ELIAS, N. *op. cit.*, 1991, p. 29.

Desde a origem, a função de Breslau era ser uma fortaleza prussiana avançada contra a Polônia e os Eslavos, e sua prussianização foi buscada metodicamente desde a anexação da Silésia, uma antiga província austríaca, em 1741. Durante a guerra, a posição militar da cidade perto do front oriental não foi, portanto, insignificante, o que gerou um clima militarista particular. A Universidade de Breslau também desempenhou um papel específico no sistema prussiano como vetor da germanidade. Representou um ponto de apoio do espírito prussiano. Em 1811, a cidade recebeu da Prússia uma universidade como parte das reformas Humboldtianas com a fusão entre a antiga Universidade de Frankfurt (Oder) e a antiga Academia Católica de Breslau, oriunda de um colégio jesuíta.¹⁰ Juntamente com Bonn e Berlim, Breslau foi a vitrine do neo-humanismo e das reformas que modernizaram as universidades herdadas do Antigo Regime, formando as futuras elites católicas em um estabelecimento ligado a um Estado Protestante. No início do século XX, Breslau foi sem dúvida relegada para uma categoria provincial, em comparação a Berlim ou Leipzig, e não detinha o tradicional prestígio de universidades como Heidelberg, mais a Oeste. Contudo, juntamente a Königsberg, era a universidade alemã localizada mais ao Leste e em contato direto com o mundo eslavo, o que produziu um clima nacionalista muito forte, tanto entre estudantes quanto entre professores. Em meados do século XIX, foi fundada ali uma associação estudantil chamada "Borussia" que praticava os rituais tradicionais criticados por Elias no seu *Studien über die Deutschen* como símbolo da mentalidade de subordinação e cultivo de valores militares, mesmo por parte de civis. Esse *Korps* excluiu os judeus no final do século XIX, o que promoveu o surgimento de associações livres concorrentes. Os estudantes eram recrutados principalmente na região, enquanto o pessoal docente era regularmente renovado pelo seu deslocamento desde as universidades menores para as maiores, Breslau ocupando uma posição intermediária na classificação geral das universidades alemãs. Em 1920, havia 5.000 estudantes, entre

¹⁰ CONRADS, Norbert. (org.), “*Die Tolerierte Universität, 300 Jahre Universität Breslau 1702 bis 2002*”. In: *Katalogbuch zur Ausstellung*. Wiesbaden/Stuttgart: 2004, p. 244 et seq. Em particular: HERZIG, Arno. “*Die Vereinigung von Leopoldina und Viadrina 1811*”. In: Ludwig PETRY, “*Breslau als schlesische, preussische und deutsche Universität*”. In: *Jahrbuch der schlesischen Friedrich-Wilhelms-Universität zu Breslau*, vol. 28, 1987, pp. 342-356; TITZE, Hartmut. et al. (orgs.). *Wachstum und Differenzierung der deutsche Universitäten 1830-1945*. Göttingen: 1995, pp.122-123 (histórico e estatísticas detalhadas).

os quais 492 nas disciplinas literárias – e 82 em Filosofia, em 1924-25 ¹¹. Assim, por suas origens locais e em razão de sua ida para universidades maiores, Elias é representativo da média da sua faixa etária.

A guerra irá contribuir para acentuar as tensões entre as confissões (protestantes, católicos e judeus) e em função das origens étnicas, em razão da imigração judaica do Leste ou o afluxo de refugiados após a anexação da Alta Silésia à Polónia – nos termos do plebiscito contestado de 1921 que deu origem a insurreições e mobilização de ambos os lados. Várias manifestações contra a minoria estudantil polonesa ocorreram entre 1919 e 1921, especialmente na Faculdade de Medicina onde Elias iniciou seus estudos, o que ele não menciona nas suas memórias. ¹² Esse clima levou à partida da maioria dos habitantes de origem polonesa, especialmente após o plebiscito na Alta Silésia. Esse período também se caracteriza pela mesma intolerância e pelo antissemitismo crescente em relação à minoria judaica, vítima de violência (como o assassinato de um antigo camarada judeu de extrema-esquerda mencionado por Elias nas suas memórias ¹³), discriminação e xenofobia, uma vez que uma fração da população judaica era originária de uma nova emigração do Leste, ligada à situação crítica na Polónia ou na Rússia nos anos 20.

Temos poucas informações sobre as atividades de Elias como estudante em Breslau, para além da sua breve participação em um conselho de soldados, sua difícil relação com seu professor Hönigswald e o rápido abandono da medicina pela filosofia. De fato, pesquisas recentes mostram que Elias não era apenas um estudante dedicado que preparava sua tese de filosofia apesar das dificuldades econômicas e políticas

¹¹ TITZE, H. *op. cit.*, 1995, p.130,138, 141.

¹² MÜHLE, E. *op. cit.*, 2015, p. 223.

¹³ ELIAS, N. *Les Allemands*. Tradução francesa. Paris: Le Seuil, 2017, p. 250: “Bernhard Schottländer, que estudara comigo no liceu, um rapaz extremamente magro, muito inteligente, e que, no último ano, com seus óculos grossos, parecia um jovem universitário; suas leituras de Marx o tinham inclinado ao comunismo, e o seu cadáver, se bem me lembro, foi arrancado do fosso em Breslau embrulhado em arame farpado”. Na edição brasileira (2001), traduzido como: “Bernhard Schottländer, uma pessoa muito franzina e sumamente inteligente que, com seus óculos de lentes grossas, já parecia um jovem e erudito scholar, mesmo quando era apenas um primeiranista, que se inclinara para o comunismo depois de ler Marx, e cujo cadáver, se bem me lembro, foi encontrado no aterro sanitário da cidade de Breslau, amarrado com arame farpado”. Elias ficou particularmente traumatizado com esse assassinato (o que se percebe pela descrição da vítima, que se parece muito com ele e com quem se identifica parcialmente). Edição brasileira: Elias, N. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. (Nota da Tradutora). Elias também se referiu explicitamente a esse trágico episódio em *J'ai suivi mon propre chemin*. Paris: 2016, p. 28, transcrição de uma entrevista televisiva de 1987.

que a Alemanha atravessava, entre 1919 e 1923, e que também afetaram a sua família. Ao contrário da apresentação que fazia de si nas suas entrevistas autobiográficas tardias, Elias de fato engajou-se fortemente no período, tal como muitos estudantes da década de 1920. Contudo, ao invés de se juntar a associações ou partidos de direita ou de esquerda, como fez a maioria dos estudantes, optou pelo caminho alternativo da associação sionista *Blau Weiss* (*Azul Branco*, as cores do sionismo), na qual militou durante vários anos e cuja insígnia exibiu até bem tarde, quando já frequentava em Friburgo o seminário de Husserl, de acordo com Edith Stein, uma das suas colegas de Breslau.¹⁴ Segundo Hermann Korte, esse engajamento teria sido uma forma de Elias reagir contra o sentimento de desumanização que ele vivenciou durante o período do serviço militar e como enfermeiro. Embora fosse um soldado, em razão da diversidade de tarefas militares que tinha de desempenhar, como telegrafista e enfermeiro, Elias nunca lutou de fato. Também vivenciou particularmente o antissemitismo popular no exército e do qual foi em parte preservado, como filho de boa família e aluno de uma escola secundária multiconfessional frequentada por rapazes da mesma origem.

Pode-se supor também que essas funções, menos expostas, foram atribuídas por soldados hostis aos judeus em função de “apadrinhamentos” ou “redes” que explicariam, segundo os antissemitas, as posições por vezes eminentes conquistadas por certos judeus no final do século XIX. Todas essas primeiras experiências de intolerância levaram Elias a concluir que era vão o anseio de integração ou o respeito pelos valores dominantes da sociedade alemã, como manifestara, por exemplo, seu próprio pai. Após a Primeira Guerra, a violência dos *Freikorps* contra a esquerda multiplicou-se graças à agitação revolucionária, a extrema esquerda e os judeus, considerados culpados pela derrota. Elias deve ter sido encorajado em sua convicção de que o sionismo fosse talvez a única saída para a situação cada vez mais precária dos judeus na Alemanha. Contudo, não concordo totalmente com a interpretação de H. Korte sobre o papel essencial da guerra porque, simplesmente, o engajamento sionista de Elias é na realidade anterior à guerra e precede as dolorosas

¹⁴ Ver KORTE, Hermann. “Norbert Elias in Breslau, ein biographisches Fragment”. In: *Zeitschrift für Soziologie*, jg 20, heft 1, februar, 1991, p. 5. Depois de: Edith STEIN. “Selbstbildnis in Briefen”. *Erster Teil*, 1916-1934. In: Edith STEIN *Werke*. Vol.: VIII. Freiburg, 1976, p. 46.

experiências mencionadas. Em todo caso, é verdade que o recrudescimento antisemita durante e após a guerra deve ter fortalecido o primeiro engajamento sionista do jovem Elias. Observa-se, aliás, que foi neste momento que ele assumiu funções importantes no movimento *Blau Weiss* e até publicou textos teóricos na revista do movimento. Também criticou fortemente os judeus alemães por serem demasiado submissos e se recusarem a ver a evidente discriminação de que eram alvo. Sua militância se manifesta intensamente entre 1922 e dezembro de 1925, período durante o qual foi membro do conselho diretor da *Blau Weiss* e mesmo do restrito conselho de seis membros que rodeava o presidente da associação em Breslau ¹⁵.

Em uma entrevista raramente citada e não traduzida para o francês, de 1989, publicada em uma obra dedicada aos intelectuais judeus, Elias revela, através de uma formulação indireta e abstrata, o sentido que o engajamento sionista podia ter então para ele:

“O sionismo na minha juventude e especialmente antes da fundação do Estado de Israel era de fato diferente do que se tornou durante a construção do Estado de Israel. Numa época em que a mera palavra "judeu" trazia consigo alusões depreciativas, o ideal sionista de um Estado para os judeus era uma das formas de um judeu poder manter intacto o seu orgulho e o seu valor humano”. ¹⁶

Conforme esse texto, o engajamento sionista de Elias seria em primeiro lugar uma recusa da atitude legalista e assimiladora do seu pai, mas também uma resposta ativa às caricaturas antisemitas da maioria conservadora dos alemães: tratava-se de dar uma nova identidade aos judeus, de formar um novo homem que decide seu futuro e, portanto, um projeto radical segundo as declarações que podem ser lidas nas atas das reuniões das quais Elias participou. Aliás, em uma carta ao seu amigo Martin Bandmann, de 14 de junho de 1920, Elias confirma que esse julgamento posterior sobre o projeto sionista foi um eco distante do orgulho transgressivo do jovem ativista da associação *Blau Weiss*:

“Nós, judeus, massa de pessoas de origem inferior, multidão sem movimento, cética-cínica, relativista e, no fundo, meio desesperada, que por séculos ao se multiplicar sob grande pressão desacostumou-

¹⁵ HACKESCHMIDT, Jörg. *Von Kurt Blumenfeld zu Norbert Elias. Die Erfindung einer jüdischen Nation*, Hamburgo: Europäische Verlagsanstalt, 1997, p. 157.

¹⁶ “Interview von Herlinde Koelbl”. In: Herlinde KOELBL. *Jüdische Portraits*, op. cit., pp. 60-62, reimp. In: N. ELIAS, *Gesammelte Schriften*, vol. 17, p. 389-90.

se com o clima de uma cultura profunda e fervorosa, e que hoje não passa de uma sociedade que se imiscui (que deveria, ainda mais chocante, passar fome se não pudesse se imiscuir). É preciso forjar uma nação cultural desses judeus, eis o objetivo.”¹⁷

Esta acusação violenta retoma inclusive certos estereótipos antissemitas (“multidão”, “uma sociedade que se imiscui”, uma expressão muito próxima da ideia do “grupo parasita” de panfletos antijudaicos). Mostra também uma grande ambição, quase revolucionária: “forjar uma nação cultural” (*Kulturvolk*). O sentido do engajamento de Elias é muito mais amplo do que a simples participação na calorosa sociabilidade de uma organização juvenil. Tratava-se de contribuir com o ‘processo civilizador’ e o nascimento de uma nova nação judaica, para usar anacronicamente o título do famoso livro de Elias.

2. Heidelberg, o liberalismo em perigo (1926-1930)

O afastamento desse primeiro engajamento ocorre gradualmente, após as divergências no âmbito da organização sobre a emigração para a Palestina. Elias também tem que interromper seus estudos para trabalhar em uma empresa no período em que sua família atravessava dificuldades financeiras. Ainda mais importante, Elias muda-se para Heidelberg e opta por uma nova disciplina, a sociologia, nesse segundo período universitário. Esse retorno aos estudos mostra sua vontade de retomar o projeto de juventude: tornar-se professor universitário. Após a briga com seu ‘*doktorvater*’, Hönigswald, que discordou de certas conclusões da sua tese, foi preciso mudar de orientador. A decisão de deixar a sua cidade natal para Heidelberg deveu-se também ao prestígio da terceira universidade mais antiga da Alemanha (fundada em 1386), ao seu clima mais liberal e antissemitismo menos virulento do que em Breslau, bem como aos laços anteriores com a cidade, uma vez que Elias já tinha frequentado cursos em Heidelberg durante o semestre de verão de 1919.¹⁸ Além disso, a reputação de Heidelberg em sociologia se devia à presença da família Weber – Alfred,

¹⁷ *Apud* HACKESCHMIDT, J. *op. cit.*, 1997, pp. 159-60, traduzido por mim. (Nota do Autor).

¹⁸ KORTE, Hermann. *Der Menschenschaftler Norbert Elias. Zur Biographie eines Klassikers*. Fernuniversität Gesamthochschule Hagen. s.d, 1991, p.28.

professor titular, o irmão de Max, e sua cunhada, Marianne, viúva do ilustre sociólogo, que desempenha um papel ativo através do seu salão intelectual e dos seus engajamentos políticos e feministas. Ser admitido nesse prestigioso círculo representou para Elias um trampolim essencial para a futura carreira na nova disciplina que ele escolheu. Ao menos é assim que ele apresenta a situação retrospectivamente.¹⁹

Nas suas diversas entrevistas autobiográficas, Elias também acentua o clima de politização em Heidelberg, tanto entre estudantes quanto entre professores, ao passo que nada diz sobre Breslau. No caso de Breslau, tratava-se de uma omissão deliberada, não justificada nem pela realidade objetiva nem mesmo pelos engajamentos tangíveis do próprio Elias, como vimos. No que diz respeito a Heidelberg, o julgamento de Elias foi confirmado por outros trabalhos, quer sejam trabalhos genéricos sobre estudantes ou professores, ou monografias sobre personalidades com quem Elias esteve em contato direto, como Alfred Weber, Karl Mannheim ou acadêmicos mais jovens pertencentes aos seus círculos²⁰. Segundo Jansen, dos 119 professores da Faculdade de Filosofia durante o período em estudo, 67 publicaram textos com conteúdo político, muito mais do que os professores das outras faculdades (Teologia, Direito, Medicina e Ciências Naturais), cujas taxas de universitários engajados estavam entre 9 e 18%.²¹ De acordo com a lista de nomes que ele fornece para medir a intensidade da participação política desses professores nos meios de comunicação, encontra-se, em primeiro lugar, Emil Julius Gumbel, professor de estatística, seguido pelo psicólogo Willy Hellpach, o teólogo Ernst Troelsch, o historiador Paul Schmitthenner, o jurista Gustav Radbruch, o sociólogo economista Max Weber, o historiador Hermann Oncken, o filósofo Arnold Ruge, o jurista Hans-Erich Kaden e, em décimo lugar, Alfred Weber. Karl Mannheim também aparece nessa lista, mas em posição muito inferior, por duas razões principais. Em primeiro lugar, ele obteve

¹⁹ ELIAS, N. *op. cit.*, 1991, p. 47.

²⁰ Ver, JANSEN, Christian. *Professoren und Politik. Politisches Denken und Handeln der Heidelberger Hochschullehrer 1914-1935*. Göttingen, 1992; GIOVANNINI, Norbert. *Zwischen Republik und Faschismus. Heidelberger Studentinnen und Studenten 1918-1945*. Weinheim, 1990; DEMM, Eberhard. *Ein Liberaler in Kaiserreich und Republik: der politische Weg Alfred Webers bis 1920*. Boppard am Rhein, 1990 e *Von der Weimarer Republik zur Bundesrepublik: der politische Weg Alfred Webers 1920-1958*. Düsseldorf, 1999; BLOMERT, Reinhart. *Intellektuelle im Aufbruch, Karl Mannheim, Alfred Weber, Norbert Elias und die Heidelberger Sozialwissenschaften der Zwischenkriegszeit*. München, 1999.

²¹ JANSEN, C. *op. cit.*, 1992, p. 27.

uma posição como *privatdozent* apenas em 1926 (e após um debate difícil na faculdade devido ao seu passado “revolucionário” na Hungria) e permaneceu em Heidelberg só até março de 1930, quando foi “nomeado” em Frankfurt como professor. Além disso, seu status de estrangeiro (judeu húngaro) devia incitá-lo a uma certa reserva. Se observarmos o círculo à volta de Alfred Weber, constata-se tanto uma forte politização na geração mais jovem quanto uma gama bastante ampla de orientações. Todas as tonalidades da esquerda e da direita estão representadas. Alfred Weber era muito tolerante devido ao seu liberalismo e ao gosto pela discussão. Podemos citar exemplos dessas figuras fortemente marcadas:

Jakob Marschak (nascido a 23 de julho de 1898 em Kiev, falecido a 22 de julho de 1977 em Los Angeles) foi preso na Rússia por atividades anticzaristas e libertado durante a Revolução. Em 1919, tornou-se ministro do trabalho na República Terek no Norte do Cáucaso; quando os bolcheviques tomaram o poder na região, teve que fugir como Menshevik; emigrou então para a Alemanha e estudou economia em Heidelberg. Foi membro de grupos socialistas; após várias funções em institutos de economia, tornou-se *privatdozent* em Heidelberg, em 1930. Perseguido pelos nazis, acabou por se exilar nos Estados Unidos onde fez uma carreira de sucesso como economista.

Richard Löwenthal (1908-1991), comunista opositorista depois socialista, membro ativo da resistência ao nazismo no exílio, mais tarde passando para a social-democracia, termina por se tornar professor de Ciência Política na Universidade Livre de Berlim (1961-74).

Otto Jacobsen, também socialista, emigrou após 1933; Reinhold Cassirer, socialista, trabalhou na sua tese sobre as negociações entre patrões e sindicatos na Grã-Bretanha; Boris Goldenberg, marxista de origem russa, emigrou para Cuba.

É preciso mencionar também várias mulheres jovens, como Natalie Halperin, Nina Rubinstein, Käthe Truhel, Margaret Freudenthal, frequentemente judias e engajadas em movimentos progressistas. Elas frequentaram os mesmos seminários que Elias e também se dedicaram à investigação sociológica ou histórica, um fenômeno

novo para as mulheres na universidade alemã da época.²² Elias, que era mais velho, atuava como tutor do trabalho delas, ainda que seus próprios trabalhos abordassem assuntos bastante diferentes. Isso mostra sua autoridade intelectual precoce, proveniente do título de doutor em filosofia e do papel ativo que exercia como debatedor nos seminários, de acordo com vários testemunhos e registros nos relatórios das discussões. Além disso, o fato de Mannheim ter encarregado seu assistente de tarefas que o aborreciam pedagogicamente explica esse trabalho de tutoria.

Esse grupo universitário não era integralmente de esquerda. Entre eles encontram-se também os que frequentavam o círculo de Stefan George, que era ao mesmo tempo apolítico e em geral conservador, e mesmo ativistas nacionalistas. Alguns até fizeram carreira sob o nazismo, como Ernst Wilhelm Eschmann (1904-1987), que A. Weber colocara no topo da sua lista de futuros habilitados, apesar dos seus engajamentos à extrema-direita e do seu ativo comprometimento posterior com uma universidade normalizada. Fritz Bran (1904-1994), filho de editor e autor de uma tese sobre Herder, também se engajara na retomada das relações intelectuais franco-alemãs e fora igualmente apoiado por A. Weber. Permaneceu em Paris, aderiu à NSDAP (Partido Nacional-Socialista) e à Juventude Hitleriana e tornou-se um colaborador ativo de Otto Abetz nos *Cahiers Franco-Allemands* e, em seguida, um dos atores da colaboração intelectual do lado alemão durante a ocupação da França. Foi condenado depois de 1945, mas depois retomou a sua atividade normal como publicista e professor.

Elias distancia-se claramente nas suas entrevistas de todas essas figuras que conheceu nos seminários de Heidelberg:

“Com grande tenacidade e sob o escárnio de muitos dos meus colegas que zombavam do ‘Elias, o apolítico’, mantive-me à distância de toda fidelidade a qualquer das posições desse espectro, que me parecia ultrapassado. Essa é ainda hoje minha atitude.”²³

"Minha percepção à época era a de que muita desinformação estava sendo difundida sobre a sociedade humana. Não podia concordar

²² Reinhard BLOMERT. *Intellektuelle im Aufbruch*, op. cit., 1999, p. 243 et. seq. David KETTLER, Colin LOADER & Volker MEJA. *Karl Mannheim and the Legacy of Max Weber: Retrieving a Research Programme*. Londres: Routledge, 2008.

²³ ELIAS, N. *J'ai suivi mon propre chemin*. op.cit., 1996, pp. 38-39. Ver também “Hyperlias”. Disponível em: <http://hyperelias.jku.at/EliasTheses_1933.htm> Acessado pela tradutora em: 06 jun. 2022.

com todos os meus amigos que estavam no partido porque ali, como por vezes dizia-lhes, era-se obrigado a mentir.

O que eu queria realmente era levantar o véu das mitologias que obscurecem a nossa visão da sociedade para que as pessoas pudessem agir melhor e de maneira mais razoável; pois estava convencido de que essa visão partidária distorce a forma como consideramos as coisas. E a tese central de Mannheim de que todo pensamento é ideologia caminhava nessa direção (...).

Eu queria elaborar uma imagem da sociedade que não fosse ideológica. E consegui.”²⁴

Tal como com outras declarações retrospectivas de Elias, pairam algumas dúvidas sobre essa sua análise. Certamente, pode ser uma tomada de posição epistemológica que torna incompatíveis *a priori* o engajamento e o desejo de alcançar a verdade em sociologia. Contudo, a curiosa expressão usada por Elias na segunda citação, “no partido”, diz respeito muito mais à sua hostilidade a qualquer marxismo dogmático, tal como encarnado pelo KPD (Partido Comunista) à época, à desilusão como antigo sionista diante da militância minoritária, ou ainda às suas dúvidas sobre os caminhos equivocados do outro grande partido de esquerda sob Weimar, o SPD (Partido Social-Democrata), impregnado por múltiplas correntes e cuja estratégia era cada vez mais incerta face à crise do regime.

A fim de se compreender essa rejeição da política diante do aumento das ameaças, é preciso evocar também o clima mais geral da universidade. Como mostrou Norbert Giovannini, a própria juventude estudantil de Heidelberg, apesar de estar em uma região bastante liberal da Alemanha, estava cada vez mais dividida em correntes hostis, e não hesitou em atacar certos professores que estavam demasiado à esquerda, como Gumbel, por causa das suas opiniões pacifistas militantes, que ofendiam os nacionalistas ou mesmo a maioria reacionária. As eleições para a comissão de representantes dos estudantes universitários refletem essa politização crescente e o descolamento para a extrema-direita.

²⁴ ELIAS, N. *op. cit.*, 1991, p. 50.

	Verão 1925	Verão 1926	Verão 1927	Verão 1928	Verão 1929	Verão 1930
% de eleitores	69,2	77,4	70,8	70,3	74,0	76,3
% de direita	54,1	62,9	62,5	61,1	65,1	60,8
% de grupos republicanos	41,6	37,0	37,5	38,8	34,8	36,9
Lista nacionalista	11	12	16	17	15	11
Juventude <i>Völkisch</i>	-	3	4	5	3	-
Associação nazi	3	2	-	-	10	17
Listas liberais	6	7	6	5	5	5
Lista católica	4	3	4	5	6	6
Lista socialista	-	-	2	4	4	6
Lista comunista	-	-	-	-	-	1

Resultados das eleições para a AStA na Universidade de Heidelberg (1924-1930).

Fonte: N. GIOVANNINI, *op. cit.*, p. 1. p. 134, quadros A e B simplificados.

A tabela mostra, em primeiro lugar, a participação crescente nas eleições, destacando-se os antagonismos de origem política entre as listas. Embora o equilíbrio de poder entre grupos hostis ou favoráveis à República tenha permanecido bastante estável (cerca de dois terços, aproximadamente, a favor das listas nacionalistas e de direita), a radicalização se torna aparente no âmbito dos movimentos de direita. Os grupos nacionalistas e *völkisch*, inicialmente dominantes em 1927 e 1928 (20 e 22 cadeiras, somados os dois grupos), perdem votos e cadeiras para os extremistas da associação estudantil nacional-socialista, cuja ascensão precede até mesmo os sucessos eleitorais do partido, com 10 lugares em 1929 e 17 em 1930, ou seja, antes que a crise econômica e social pudesse sortir efeitos. Os moveis das manifestações cada vez mais antissemitas foram as reivindicações nacionalistas em uma região ocupada por grupos irredentistas traumatizados pela ocupação da margem esquerda do Reno, pela memória da ocupação do Ruhr e pela perda da vizinha Alsácia-Lorena, como testemunham os numerosos incidentes entre corporações que recusam judeus e associações "mistas". A presença notável de estudantes judeus, muitas vezes de esquerda, e de professores judeus e de esquerda alimenta a retórica antirrepublicana de famílias tradicionais hostis ao regime. Os novos estudantes, por vezes de origens mais modestas, estavam também preocupados com o seu futuro em razão da questão,

tão comum à época, da “superprodução de diplomados”. Infelizmente, os trabalhos existentes não nos permitem estabelecer essas correlações específicas, mas essa era ao menos a visão que Elias tinha à época, conforme mostra o artigo que ele publicou em 1929 na revista da comunidade judaica de Mannheim e Ludwigshafen, recentemente traduzido para o francês.²⁵ A visão do sociólogo, bastante economicista, pode ser resumida como se segue: “O antissemitismo é, sobretudo, apoiado por estratos burgueses para os quais o espaço econômico tem se retraído crescentemente desde o período do pré-guerra e da guerra.”²⁶ Para ele as bases do movimento nacional-socialista são compostas pelo pequeno comércio independente, por uma parcela do grande comércio, por certos ramos da indústria de médio porte e até mesmo pelo campesinato ou pela grande propriedade fundiária em declínio. Essa rejeição estende-se também ao “*Lumpemproletariado*”, aos desempregados e aos trabalhadores agrícolas, que são atraídos “por esse tipo de discurso simples contra o que é estrangeiro e estranho” (*ibid.*). Nessa análise domina, portanto, uma explicação exclusivamente econômica e política das relações de força, além da consideração da conjuntura (positiva ou negativa). Contudo, Elias não leva em conta o antissemitismo racista claramente manifestado à época por certos setores do movimento *völkisch* ou pelo partido nazi. Sua conclusão é simultaneamente pessimista a curto prazo (enquanto a crise e as tensões sociais durarem, as pessoas não podem ser chamadas à razão) e otimista a longo prazo (uma conjuntura melhor e uma nova prosperidade deveria estancar o antissemitismo). Contudo, suas conclusões práticas parecem um pouco simplistas e pouco satisfatórias para o especialista: não se deve deixar de reconhecer o que avilta (“um olhar lúcido sobre a situação é sempre melhor do que mentir a si mesmo”), mas é preciso resignar-se e esperar por dias melhores ou escolher a solução sionista de partir para a Palestina – o que Elias recusou, em 1933, apesar de seu prévio engajamento sionista. Sua visão vai se modificar rapidamente no contexto da sua nomeação como assistente de Karl Mannheim a partir de 1930.

²⁵ ELIAS, N. “*Sociology of German antisemitism*”. In: *Annales Histoire sciences sociales*, 2016, n.º 2, pp. 379-384, publicado pela primeira vez in: *Israelitische Gemeindeblatt. Offizielles Organ der Israelitischen Gemeinde Mannheim und Ludwigshafen*, 13, 1929, Kislev 5690, 7-12, pp. 3-6, reimp. In: *Frühschriften*, Frankfurt 2002, pp. 117-126.

²⁶ ELIAS, N. art. cit., 2002, p. 383.

3. Frankfurt, o avanço do perigo (1930-33)

A Universidade de Frankfurt representa um caso distinto do de Breslau e de Heidelberg. Havia sido fundada há pouco tempo (1914) com um aporte significativo de capital, fornecido principalmente pela grande burguesia judaica da cidade. Foi uma das primeiras universidades a ter uma faculdade independente de Ciências Sociais, o que explica sua influência sobre jovens sociólogos como Mannheim, Elias e os que seriam denominados membros da Escola de Frankfurt, agrupados no *Institut für Sozialforschung*. O *Institut* fora fundado por iniciativa de um outro mecenas (1924), mas era relativamente independente da Universidade, apesar da proximidade espacial e da cooperação entre essas instituições. A Universidade de Frankfurt, em rápido crescimento, possuía o mesmo número de estudantes (4.043 em 1931) que Breslau (4.481 na mesma data) ou Heidelberg (3.701), apesar de ser jovem. Em 1930, a Faculdade de Ciências Sociais e Economia dispunha de 11 cátedras em comparação com as 13 da Faculdade de Filosofia, um indicador de sua modernidade. Considerada pelos nazis uma universidade “judaica”, sofreu expurgo acentuado do corpo docente e diminuição sensível do número de estudantes em 1932-33. Um terço do seu pessoal docente foi expulso por razões “raciais” ou políticas e, a certa altura, receram até que ela fecharia as portas.²⁷

Esse resultado fatal tinha sido previsto por Elias no momento da ascensão do nazismo. Em suas memórias, mesmo que tenha errado a data, evoca o grande encontro em Frankfurt em que Hitler discursa durante a campanha presidencial de 1932. Fez questão de comparecer para tentar compreender o que leva as multidões a serem tomadas por uma espécie de histeria quando o *Führer* falava em público. Eis o testemunho de Elias:

“Eu seguia a política com grande interesse. Quando Hitler fez um discurso em Frankfurt, fui ouvi-lo.

Deve ter sido no final de 1932 ou início de 1933. Foi anunciado que ele faria um grande discurso e eu estava ansioso por vê-lo em carne e osso. Mas era perigoso porque poderiam perceber que eu era judeu. Contudo, minha fisionomia me permitia passar por um aristocrata se estivesse disfarçado; se trocasse os meus óculos por um monóculo, se usasse um chapéu de caçador e me

²⁷ TITZE, H. *op. cit.*, 1995, pp. 167-68. HAMMERSTEIN, Notker. *Die Johann Wolfgang Universität Frankfurt am Main. Von der Stiftungsuniversität zur staatlichen Hochschule*. Bd. 1, Neuwied/Frankfurt 1989.

vestisse de forma diferente, seria outro homem. E foi assim que atravessei a cerca formada pelos homens das SS, ladeada por dois estudantes gigantescos de aspecto muito ariano.

Foi fascinante... O *Führer* manteve a multidão superexcitada durante quase duas horas; canções patrióticas eram cantadas e, por vezes, eu também tinha que mexer os meus lábios porque não podia ser o único a permanecer em silêncio. A certa altura saí da reunião por um momento e me deparei com um colega assistente que era nacional-socialista. Foi um momento muito estranho, mas foi nesse instante que o *Führer* chegou. Ele era realmente um grande orador. Uma coisa em particular ficou na minha memória: o momento, no final, em que ele deu sua bênção às crianças. Nunca tinha vivido algo parecido antes! Ele fez as crianças se aproximarem, colocou a mão em sua testa e falou com elas. E a multidão enlouqueceu de entusiasmo.

Eu costumava ir a esse tipo de manifestação para ter uma ideia das coisas, para compreendê-las e para vê-las com meus próprios olhos.”²⁸

Ao estar presente em um lugar em que o próprio Elias observa que poderia ter sido denunciado, pois seu perfil correspondia às caricaturas de judeus feitas pelos nazis antissemitas, o sociólogo mostra que não está apenas cedendo a uma simples curiosidade, apesar de seu proclamado apolitismo. Ele também reconhece que se tratava de um período crítico. Não era mais possível ocultar a realidade sonhando, como os comunistas, com uma revolução milagrosa que impediria a catástrofe. Essa também era a opinião de sua amiga e doutoranda Margarethe Freudenthal, que relatou em suas memórias o mesmo encontro. É interessante desse ponto de vista comparar os dois relatos a fim de dar uma descrição mais precisa do clima político em Frankfurt, muito diferente, como veremos, do clima na Faculdade de Sociologia ou no *Institut für Sozialforschung*. Nossa outra testemunha também teve que esperar, mas por muito mais tempo do que Elias, pois chegara no meio do dia para conseguir um bom lugar – ao passo que a chegada de Hitler estava agendada para a noite, após uma turnê eleitoral nas cidades vizinhas. Diferentemente de Elias, ela descreve como se entreteve e se “aqueceu” o público com músicas animadas nos alto-falantes e desfiles de tropas paramilitares ou projeções de filme. O trajeto de Hitler para Frankfurt foi também anunciado para manter o suspense e mostrar sua marcha triunfal de cidade em cidade. As mulheres não estavam alheias à manutenção da tensão nervosa.

²⁸ ELIAS, N. *op. cit.*, 1991, p. 62.

Freudenthal escreve sobre elas: “As mulheres gritam histericamente, tudo permanece em estado de transe – onde é que já senti isso antes? Ah sim, no exército de salvação então em Londres – esse era um novo exército de salvação.”²⁹

Ela não se lembra do que Hitler disse (embora Elias insista em sua capacidade oratória) por causa dos gritos da multidão, mas lembra-se muito bem da sua impressão, relatada aos seus pais no seu regresso: “Das kommt!” “Está chegando!” Ela prevê que Hitler chegará ao poder, o que aqueles que lhe são próximos ainda não querem acreditar (um ano antes de ele tomar o poder). Por precaução, ela compra um Opel de segunda mão e aprende a conduzir caso tenha que fugir. Em uma discussão com Elias, que ela calcula em novembro ou dezembro de 1932, ao voltar do seminário de Mannheim de carro com Elias até sua casa, chegam à conclusão conjunta de que já não se encontram em casa na Alemanha. Elias lhe diz então que a única solução para ela é partir para a Palestina, embora ele próprio, um “antigo sionista teórico”, não cogita de forma alguma essa saída, o que, aliás, sua partida para a França irá provar.

As previsões dos dois amigos foram logo confirmadas quando os nazis chegaram ao poder. Elias lembra-se de como estava preocupado com uma inspeção das SA ou SS invadindo o seu instituto:

“Em fevereiro de 1933 pensei subitamente que deveria averiguar se tinha ficado algum documento comprometedor no nosso instituto. Fui até lá e encontrei a lista de membros do ‘grupo de estudantes vermelhos’; havia muitas coisas comprometedoras, como uma lista completa dos nomes dos nossos estudantes. Revistei todas as salas do nosso instituto, levando comigo tudo o que me pareceu mais ou menos suspeito. Quando os S.S. vieram à minha procura alguns dias mais tarde para que eu entregasse as chaves do instituto, fui muito insolente porque sabia que não iriam encontrar nada (...). Um tenente S.S. – ainda consigo ver a cena – contemplou as estantes de livros e pegou num volume de Marx: ‘Ah, Marx, é claro! Estes comunistas sujos aqui...’”³⁰

Mesmo que apresente as coisas de uma forma benigna em retrospectiva, o *Institut für Sozialforschung* foi uma vítima particular do expurgo, da interdição de suas instalações e das ameaças físicas contra certos professores por ativistas nazis. Como medida de precaução, o diretor do instituto tinha guardado alguns de seus fundos em

²⁹ FREUDENTHAL, Margarethe. *Ich habe mein Land gefunden*, Frankfurt 1977, p.112-113.

³⁰ ELIAS, N. *op.cit.* 1991, p. 64.

Genebra, o que permitiu que o instituto fosse reativado mais tarde em Paris. Compreende-se facilmente, portanto, porque Elias logo decidiu rumar para o Oeste após uma tentativa infrutífera na Suíça. Como os professores eminentes não foram poupados pelo expurgo, ele não tinha nenhuma chance como professor não-titular de escapar. Os seus interesses intelectuais atraíram-no para a França, uma vez que tinha acabado de terminar seu manuscrito de Habilitação sobre o “homem de corte”, que seria o embrião do livro posterior sobre a sociedade de corte. Elias não foi o único a fazê-lo, pois a maioria dos expurgados optou pelos países ocidentais.³¹

O resto é bem conhecido, como mencionado na introdução: seu pedido de apoio ao comité dos cientistas de Paris, a criação de uma pequena empresa de fabricação de brinquedos para sobreviver, a obtenção de uma bolsa holandesa antes da partida definitiva para a Inglaterra, onde graças a Mannheim e à sua rede na *London School of Economics* conseguiu funções temporárias na educação de adultos antes de ser internado na Ilha de Man, como a maioria dos cidadãos alemães, quando a guerra foi declarada.

Balanço

Voltemos ao ponto de partida. Nos arquivos de Bouglé existem algumas notas sobre o Comitê Universitário responsável pela classificação das candidaturas. Em razão de seu fraco dossiê (nenhuma publicação, manuscritos inacabados, nenhum trabalho acadêmico concluído, à exceção do seu doutorado do qual o próprio Elias não se orgulha muito dado que rejeitou as conclusões) e da opção por uma forma de sociologia histórica bastante diferente da praticada na França nesse período, o jovem assistente viu-se no fim da lista e foi salvo por uma bolsa holandesa. Em nenhum momento, porém, exprimiu a sua amargura contra a França dos grandes princípios, que fecha suas portas e sofre grande ameaça da extrema-direita durante os acontecimentos de 6 de fevereiro de 1934. Tampouco parece lamentar não ter optado, como a sua amiga Margarethe Freudenthal, pela Palestina. Não viu como poderia

³¹ MATHIEU, J. P. art. cit., 1984, p.136.

realizar ali o seu trabalho histórico e sociológico cujas fontes se encontravam na Europa. Ao contrário de Margarethe Freudenthal, ele não encontrou o seu “país”, para parafrasear o título de suas memórias.

Mesmo na Inglaterra dos anos 50, Elias ainda se sente alemão. Ao regressar tardiamente à Alemanha, escolheu trabalhar em Bielefeld, uma universidade nova, sem passado, bastante diferente das três universidades históricas que tinha conhecido em sua juventude. Muito crítico em relação ao seu país natal no seu último livro: *Os Alemães* e, em particular, à burguesia alemã – incapaz de se libertar do domínio aristocrático e militar e que capitulara diante de Hitler para se vingar da derrota e da revolução de 1918 –, também não é gentil com a juventude estudantil dos anos 70. Uma fração foi atraída para o extremismo oposto ao da sua geração. Mas em ambos os casos cometeram o mesmo erro ao procurarem a violência como solução para os problemas contemporâneos ou para os traumas do passado. A trajetória acadêmica e política de Elias, suas confissões e recusas, bem como suas omissões ou silêncios voluntários, permite compreender melhor essa relação tão particular com a história, a política e o engajamento que caracteriza tanto o homem quanto a obra sociológica.